

# ECONOMIA

## Recuperação, mas com desemprego

Economia avança, indústria bate recordes, mas taxa de desocupação não deve ceder agora

A economia brasileira dá sinais mais fortes de que está se recuperando de vez do choque da desvalorização do real, ano passado, mas isso não deverá se refletir numa redução imediata da taxa de desemprego. Segundo o IBGE, a produção da indústria nacional cresceu 10,7% no primeiro bimestre deste ano em relação ao mesmo período de 1999. O índice de fevereiro ficou 3,1% acima do registrado em janeiro e mostrou aumento de 16,3% sobre fevereiro de 1999. Foi o melhor resultado desde abril de 97. A Confederação Nacional da Indústria (CNI) confirma a recuperação: segundo a entidade, as vendas aumentaram 3,18% em fevereiro em relação ao mês anterior, registrando a taxa de crescimento mais elevada desde 92. O uso da capacidade instalada, que cresceu cinco pontos percentuais, atingiu 81,6% em fevereiro, o mais alto índice da história da pesquisa da CNI. Enquanto produção e vendas cresceram muito em fevereiro, o emprego industrial teve aumento de apenas 0,1%, segundo a CNI. O acumulado do ano registra queda de 1,62% no pessoal empregado na indústria.

### Novas vagas não comportam o aumento da procura

Na opinião de economistas como Márcio Pochmann, da Unicamp; Marcelo Néri, da Fundação Getúlio Vargas (FGV); e José Júlio Senna, da consultoria MCM, apesar do aquecimento da economia a taxa de desemprego medida pelo IBGE pode voltar a subir nos próximos meses, ultrapassando os 8,2% registrados em fevereiro, o maior nível do Plano Real. A taxa não deverá ceder porque, apesar da criação de vagas e da redução das demissões, está crescendo em ritmo maior o número de pessoas à procura de um emprego.

— Quem estava fora do mercado e das estatísticas, pois já havia desistido de procurar emprego, está voltando a ter esperanças de conseguir uma vaga. Esse fenômeno é chamado de "desemprego encorajado" e acontece também em outros países — explica Néri, que aposta numa recuperação do nível de emprego no fim do ano.

— O principal é observar se nos próximos meses continuarão sendo criadas vagas — diz Gonçalves, da FGV.

Senna, da MCM, explica que, normalmente, o emprego é o último indicador a reagir num processo de recuperação:

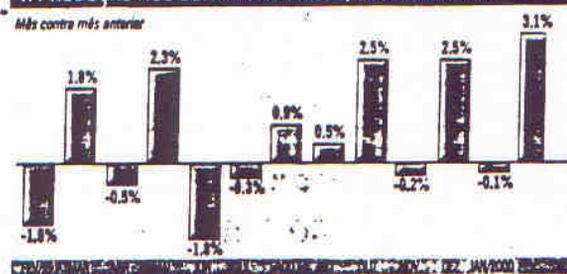
— Normalmente, primeiro os empresários elevam o nível de produção, depois aumentam as horas extras, para só depois contratar. Por isso, costuma levar alguns meses para que o aumento de produção provoque queda do índice de desemprego.

Pochmann, da Unicamp, diz que a criação de empregos este ano será insuficiente para conter o aumento da procura.

— O país precisaria crescer 5,5% este ano para o desemprego chegar ao fim do ano no mesmo nível de 1999.

## Como estão os indicadores da indústria

### A PRODUÇÃO NOS ÚLTIMOS 12 MESES, SEGUNDO O IBGE



### O CRESCIMENTO POR SETOR NO PRIMEIRO BIMESTRE (2000/1999)

Automóveis	+39,4%
Motocicletas	+32%
Eletrodomésticos	+27,4%
Bicicletas	+18%
Calçados	+17%

### OS DADOS DA CNI

	Jan	Feb 2000	Jan 1999
Vendas: mais	3,18%	18,44%	12,7%
Novos empregos	0,11%	-1,99%	-1,67%
Saída	2,75%	0,22%	-2,52%

\*Acumulado

### TAXA MÉDIA DE DESEMPREGO NO PAÍS CONTINUA ELEVADA



### O RENDIMENTO EM 1999

	Brasil	Rio de Janeiro	São Paulo
Desempenho da renda por setor			
Indústria	-7,5%		
Comércio		-3,3%	
Construção			-7,5%
Serviços			-4,8%

FONTE: IBGE

## Otimismo em alta entre empresários

Para Antônio Ermírio, o pior já passou e o país pode criar 1,2 milhão de vagas

SÃO PAULO — O crescimento da produção industrial apontado pelo IBGE no primeiro bimestre reforçou a expectativa de recuperação da economia alimentada pelos empresários. Para o presidente do Grupo Votorantim, Antônio Ermírio de Moraes, "o pior momento já passou". Ele prevê o crescimento de 4% do PIB este ano, com reflexos positivos no nível de emprego. Segundo Antônio Ermírio, de forma geral a alta do PIB poderá representar a criação de até 1,2 milhão de novos postos de trabalho.

— A fase negra dos juros altos está começando a ter fim, isso impedia o investimento na produção e o crescimento. A alta do PIB será puxada pelo setor industrial, que é algo sólido. Olho assustado para essa loucura da Internet. Sou da velha economia e tenho orgulho disso, porque ainda somos nós que criamos os empregos — disse Ermírio.

O otimismo do empresário já aparece refletido nos dados mais recentes de emprego industrial divulgados pela Ficsp. Segundo a entidade, janeiro e fevereiro fecharam com saldo positivo, com a criação de 3.184 vagas. Foi a primeira vez nos últimos cinco anos que o número de admissões superou o de dispensas num primeiro bimestre.

### Crescimento poderia elevar inflação

Apesar da criação de vagas, o desemprego na Grande São Paulo registrou estabilidade em fevereiro, ficando em 17,7%, mas isso não acontecia desde 1985 para um segundo mês do ano. Já no ABC paulista, houve queda do desemprego, de 20,4% para 20% da População Economicamente Ativa (PEA).

O reacquecimento da economia traz, contudo, o risco de alta da inflação. O economista-sênior do Dieese, Antônio Prado, e um dos

que temem a elevação de preços. Mais otimista, o economista-chiefe do Livrós TSB, Odair Abate, diz que o Governo não fará concessões no controle de preços.

— A alta do PIB sempre resulta em crescimento da renda, mas parte dos efeitos positivos será cancelada pela inflação, que poderá crescer com o incremento do consumo — argumenta Prado.

— Acho que não chegaremos à alta de 4% do PIB, como prevê o Governo, mas a inflação será controlada — responde Abate.

O setor de leasing fechou fevereiro com crescimento de 15,74% sobre janeiro. Foram 38.111 novos contratos, no total de R\$ 818 milhões, segundo a Associação Brasileira de Leasing (Abel), que espera faturamento entre US\$ 8 bilhões e US\$ 10 bilhões. Esse número é próximo do de 98, quando as 67 empresas filiadas à Abel movimentaram US\$ 11,2 bilhões. ■